

LER COM CRITICIDADE: UMA NECESSIDADE DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Germana Lucena de Araújo *

Maria Berenice Gavioli **

Ana Paola Grandó ***

Creici Lamonato ****

Resumo

Com este artigo, teve-se como principal objetivo caracterizar o processo de ler com criticidade em sala de aula, identificando os elementos do processo de leitura e relacionando-os com os teóricos Paulo Freire, Piaget e Vygotsky. Neste estudo foi desenvolvida uma pesquisa teórico-bibliográfica sobre a importância da leitura com criticidade e suas implicações para a construção do sujeito crítico. Para Freire (1981), o processo da leitura crítica refere-se ao ato de primeiramente o leitor conseguir associar a leitura com sua realidade. Para Vygotsky (1998, 1988, 1996) a leitura pode ser entendida como um ato de reconstrução dos processos de produção. Já Piaget (1978) destacou a relação do sujeito com o objeto na construção da inteligência e do conhecimento, e que o sujeito tem que ter interesse em conhecer o objeto, para se apropriar do conhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Criticidade. Comportamento.

1 INTRODUÇÃO

Será que quando os sujeitos percorrem os olhos nas letras e palavras de um texto estão compreendendo-o de maneira crítica? Sabe-se que não basta o sujeito saber ler, é preciso compreender como se desenvolve o seu contexto social. Ainda, a leitura poderia ser traduzida como o ato mesmo de viver, respirar-ação, que não se esgota na descodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A palavra como instrumento de poder e transformação contribui para que o indivíduo perceba a si mesmo, e a linguagem passa a ser mecanismo de cultura. O ser humano está em constante desenvolvimento e necessita atualizar-se constantemente ao longo do tempo.

O desenvolvimento é um processo em que está presente a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem, na qual o indivíduo é um ser interativo, pois seus conhecimentos se estabelecem a partir das relações inter e intrapessoais, por meio de um processo que ocorre de fora para dentro. Assim, o ser humano se apropria de conhecimentos mediante a interseção entre os aspectos da história pessoal e social. É nesse processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o consequente desenvolvimento do indivíduo.

É imprescindível que os educadores consigam auxiliar seus educandos no desenvolvimento de comportamentos que são fundamentais para a formação profissional e pessoal. Para enfatizar essa ideia, realizou-se uma análise conceitual do processo de ler com criticidade e da relação desse estudo com os pressupostos teóricos dos autores Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, com o objetivo de caracterizar o processo de ler com criticidade em sala de aula.

* Doutoranda em Gestão pela Universidade Politécnica de Valência, Espanha; glasenac@gmail.com

** Mestranda em Administração; Docente Senac Chapecó; gavioli@brturbo.com.br

*** Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Docente Universidade do Oeste de Santa Catarina e Senac Chapecó; ana.grando@unoesc.edu.br

**** Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina e Senac Chapecó; creici.lamonato@unoesc.edu.br

2 O PROCESSO DE CRITICIDADE TEXTUAL

O que significa ler algum texto ou algo com criticidade? Para muitos indivíduos, ler é considerado algo simples, decodificar letras, palavras e códigos de textos. No entanto, será que ler é algo tão simples assim? Será que os alunos dão sentido a tudo aquilo que o professor lhes entrega para ler? Será que os alunos são críticos em relação às páginas dos textos lidos? Quais as melhores estratégias metodológicas que os professores podem utilizar para auxiliar os alunos a lerem com criticidade?

O dicionário Michaelis *on-line* (2009) traduz a palavra ler como conhecer, interpretar por meio da leitura, conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras, decifrar ou interpretar bem o sentido de, decifrar, perceber, reconhecer. Para Doron e Parot (2002, p. 461), a leitura envolve “[...] atividades oculomotoras e cognitivas que, a partir da extração de informações gráficas, levam a compreensão de um enunciado.” Verifica-se que tanto em dicionários de senso comum quanto nos dicionários de psicologia o processo de ler possui sinônimos congruentes, como “interpretar, decifrar, compreender”. Nesse sentido, ler é um comportamento que necessita de outros comportamentos, como: fixar os olhos nas palavras de uma linha, identificar elementos gráficos, extrair a informação gráfica, reconhecer palavras, associar as informações extraídas com a realidade, atribuir significado às informações, além de muitos outros comportamentos.

Mas o que realmente traduz a leitura com criticidade? Hussein (1987) realizou um estudo sobre o conceito de leitura crítica na literatura. Em suas pesquisas, verificou uma variedade de definições vagas e imprecisas. Contudo, as definições auxiliam na localização de uma variedade de comportamentos que compõem o processo de ler com criticidade, como: fazer inferências e julgamentos, perceber relações, estabelecer sequências, predizer o resultado ou produto, verificar pressupostos dos textos, avaliar as informações, examinar logicamente a escrita, selecionar as informações relevantes, identificar premissas, extrair conclusões e reconhecer falácias.

Hussein (1987) ressalta que no contexto teórico-metodológico-behaviorista “[...] a leitura crítica é focalizada como uma forma de resposta dos alunos ao controle exercido pela autoridade dos estímulos do texto.” Ou seja, um aluno necessita identificar e analisar objetivamente os estímulos do texto e reagir a eles, de tal maneira que ocorra um contracontrole.

A mesma autora apresenta uma maneira de definir criticidade textual por meio de categorias. Apesar de elas ainda serem incompletas, também auxiliam na clarificação desse conceito. As categorias apresentadas são: ciência de implicações dadas e implicações não sugeridas pelo autor; ciência do objetivo e do escritor da obra; avaliação crítica, relacionada às informações contidas no texto com as experiências anteriores; avaliação crítica do uso de técnicas persuasivas; e interpretações de problemas apresentados no texto.

A leitura crítica também está relacionada ao processo de argumentação. Navega (2005, p. 112) defende que “[...] um bom argumentador é aquele que consegue perceber lacunas no conhecimento do oponente buscando formas de adicionar, em sua argumentação, boa parte do que é necessário saber para compreender corretamente a ideia que está sendo exposta.” Isso exige preparação de quem vai argumentar.

Argumentar não é um jogo de palavras “bonitas” e “complicadas”, mas o entendimento mais profundo da mensagem que está sendo comunicada, seja ela escrita seja falada. Navega (2005) examina que o processo de argumentar é um processo de convencimento de uma afirmação, por meio de uma lista de premissas que sustentam a verdade que está sendo defendida. É importante destacar que um processo de argumento não é um ataque ao autor e, sim, um debate em relação às ideias que estão sendo expostas pelo autor.

Pode-se concluir que existe uma variedade de conceitos e definições referentes ao processo de ler com criticidade, mas que mesmo assim é possível desenvolver esse comportamento nos alunos em sala de aula. Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget auxiliaram os professores na reflexão de como é possível desenvolver nos alunos o ato de realizar uma leitura com criticidade, um comportamento fundamental na formação de um indivíduo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracterizou-se como um estudo bibliográfico descritivo de abordagem qualitativa, com intuito de caracterizar o processo de ler com criticidade em sala de aula e suas implicações para a construção do sujeito crítico, identificando os elementos do processo de leitura, relacionando-os com os teóricos Freire, Piaget e Vygotsky. Para a

elaboração do estudo, utilizaram-se de livros clássicos dos autores publicados entre os anos 1978 e 2005, que abordavam os temas linguagem, ler e criticidade, como, por exemplo, o livro *A importância do ato de ler em três artigos que se contemplam*, de Paulo Freire, o livro *Fazer e Compreender*, de Piaget, e *Pensamento e linguagem*, de Vygotsky. Como forma de análise de dados, foi utilizada a correlação das teorias pesquisadas, identificando elementos comuns em relação ao processo de leitura de maneira crítica.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para Freire (1981) o processo da leitura crítica refere-se ao ato de primeiramente o leitor conseguir associar a leitura com sua realidade, ou seja, com sua história, com seu ambiente, e não somente interpretar as palavras de determinado texto. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1981, p. 12).

No livro *A importância do ato de ler*, Freire (1981) leva à compreensão da prática democrática e crítica da leitura do mundo, da realidade e da palavra, em que a leitura não deve ser memorizada mecanicamente, mas ser desafiadora para que ajude a pensar e analisar a realidade em que se vive. Nesse sentido, ao se reportar à sala de aula, é essencial que o professor saiba valorizar a cultura, a história e a realidade em que o aluno está inserido, partindo dessa premissa e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua aprendizagem, assim, existindo a probabilidade de modificação do seu comportamento.

O professor precisa incentivar a compressão crítica do que é a palavra escrita, ou seja, a linguagem e as suas relações com o contexto, para que o aluno participe ativamente das mudanças constantes da sociedade, visando estabelecer relações com as necessidades sociais. Para Freire (1981), no processo de aprendizagem na alfabetização de adultos está envolvida a prática de ler, de interpretar o que se lê, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já se tem e de conhecer o que ainda não se conhece, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade.

Esse processo somente é conseguido por meio de uma educação que estimule a colaboração, que valoriza a ajuda mútua e que desenvolva o espírito crítico e a criatividade; uma educação que incentive o aluno a fazer relação da teoria com a prática. Freire (1981) elucida que a importância do ato de ler não está na compreensão errônea de que ler é devorar bibliografias, sem realmente serem lidas, estudadas e, de fato, compreendidas. Deve-se ler sempre e seriamente livros que favoreçam a mudança de comportamento, a aprendizagem, procurando fazer uma leitura do mundo, da realidade, escrevê-lo ou reescrevê-lo, ou seja, transformá-lo por meio da prática consciente e realista.

Segundo o teórico Vygotsky (1988), a leitura, a compreensão e o contexto, em outras palavras, são o mesmo que abranger o homem e todas as suas manifestações linguísticas, e as quais se pode observar, tanto por parte das abordagens cognitivas quanto das linguísticas, embora devam ser fenômenos vistos sob um mesmo prisma, já que o linguístico (palavra) e o cognitivo (pensamento, conhecimento) mantêm uma relação.

Para Vygotsky (1988), a relação entre pensamento e palavra não é uma coisa, mas um processo, que está em um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa. A relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas desenvolvimento no sentido funcional, que cada pensamento não é simplesmente expresso em palavras e que é por meio delas que essa relação passa a existir. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função e soluciona um problema.

Para Vygotsky (1996), a leitura pode ser considerada um ato de reconstrução dos processos de produção. Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não em uma manipulação mecânica de palavras, mas em uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Vygostky (1998) entende que a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra. As mudanças de sentido não atingem estabilidade do significado. Ainda segundo o teórico, as palavras obtêm seu sentido no contexto do discurso; mudando o contexto, varia o sentido da palavra.

Para que se tenha uma visão mais geral do que vêm a ser a leitura e sua dimensão, conceitos de leitura abordados por Silva (1983 apud ANDERLE, 2005), em *Leitura e realidade brasileira*, definem o ato de ler como uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiências nas sociedades em que escrita se faz presente. Ratifica, ainda, o mesmo autor, que leitura sem compreensão, sem recriação, sem transformação do signifi-

cado pode ser denominada pseudoleitura, pode ser considerada um entendimento mecânico. A importância da leitura no universo do aluno, com suas diferentes aplicações, somente poderá ser entendida quando analisada dentro de uma visão muito mais abrangente a respeito do papel da leitura na vida do homem. Deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de humanização.

Não se pode considerar leitura apenas reproduzir o texto, contar a história. Leitura é um processo que se inicia antes do contato com o texto e vai além dele. O leitor participa do processo com toda a sua experiência de vida e de linguagem, em um contexto determinado, com intenções e expectativas específicas. Toda sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural, e a leitura vem a ser um dos instrumentos para conhecimento e transformação dessa memória.

Piaget (1993), o qual formulou a teoria do desenvolvimento da inteligência humana, chamada de Teoria do Desenvolvimento Cognitivo, sustentava a ideia de que a produção é que gera o conhecimento; ele materializou o conhecimento e destacou a relação do sujeito com o objeto na construção da inteligência e do conhecimento. Destacou também que o sujeito tem que ter interesse em conhecer o objeto para se apropriar do conhecimento e salientou que a inteligência é um processo qualitativo de adaptação, que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio de equilíbrios, desequilíbrios e re-equilíbrios. Cada conhecimento se constitui uma preparação para um novo conhecimento.

Piaget descobriu que o aprendizado é um processo gradual que vai se capacitando a níveis cada vez mais complexos do conhecimento, seguindo uma sequência lógica de pensamento; o autor mostra, em seu estruturalismo genético, que todas as crianças passam por estágios estáveis de estruturação do pensamento em crescente complexidade psicogenética.

Para Piaget (1993), existe algo muito claro: o sujeito tem o protagonismo da aquisição de conhecimentos, ou melhor dizendo, as ações do sujeito na manipulação dos objetos que passam a constituir, com a maturação biológica, os fatores essenciais na estruturação do pensamento. Na acepção mais geral, esse postulado pode parecer trivial hoje em dia. Há poucos autores que negam que, no processo de aquisição de novos conhecimentos, o sujeito é um organismo ativo que seleciona as informações que lhe chegam do mundo exterior, filtrando-as e dando-lhes sentido.

Piaget (1978) destaca que para que ocorra o processo de aprendizagem é premente que o objeto de conhecimento tenha significado relevante ao aluno, para que este possa utilizar suas estruturas mentais para assimilar e acomodar a nova informação, ancorando-a ao seu conhecimento já apropriado. Cabe ao professor considerar o domínio de conteúdos que o aluno detém para contribuir com novos conteúdos, a partir do que este já domina. Essa proposta de ação requer do professor a elaboração de diagnósticos constantes da evolução da aprendizagem, para garantir a proposição de intervenções durante o processo didático-pedagógico, de forma a atender ao maior número de alunos possível em classe.

Ainda segundo Piaget (1978), o raciocínio crítico é formado a partir de um pensamento lógico-matemático capaz de proporcionar o seu desenvolvimento individual, por meio da experimentação, reconstruindo e inventando, não apenas copiando ou utilizando operações repetitivas herdadas, sem propiciar o desenvolvimento das habilidades e aptidões, que, sem dúvida, constrói o todo social ou uma estrutura.

5 CONCLUSÃO

Ao concluir o presente estudo, caracterizou-se que o processo de ler com criticidade em sala de aula identifica elementos que compõem e se relacionam aos estudos dos teóricos Freire, Piaget e Vygotsky.

Para Freire (1981), a compreensão da prática democrática e crítica da leitura do mundo, da realidade e da palavra, em que a leitura não deve ser memorizada mecanicamente, mas desafiadora, para que ajude a pensar e analisar a realidade em que se vive. Faz-se necessário que o professor valorize a cultura, a história e a realidade em que o aluno está inserido, e a partir disso, procure aprofundar seus conhecimentos, para que participe do desenvolvimento permanente da sua aprendizagem, assim, existindo a probabilidade de modificação do seu comportamento; também, incentivar a compressão crítica do que é a palavra escrita, ou seja, a linguagem e as suas relações com o contexto.

Vygotsky (1998, 1988, 1996) destaca que a leitura é vista como um ato de reconstrução dos processos de produção e que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não em uma manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade

e entende que a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra.

Piaget (1993) diz que, para ocorrer o processo de aprendizagem, é premente que o objeto de conhecimento tenha significado relevante ao aluno, para que este possa utilizar suas estruturas mentais a fim de assimilar e acomodar a nova informação, ancorando-a ao seu conhecimento já apropriado. O raciocínio crítico é formado a partir de um pensamento lógico-matemático capaz de proporcionar o desenvolvimento individual, por meio da experimentação, reconstruindo e inventando, não apenas copiando, provocando, assim, o desenvolvimento das habilidades e aptidões, que, sem dúvida, constrói o todo social ou uma estrutura.

Reading with criticality: a necessity of the students of higher education

Abstract

With this article the main objective was to characterize the process of reading critically in classroom, identifying the elements of the reading process and relating them to the theorists Paulo Freire, Piaget and Vygotsky. In this study, a survey was developed about the importance of reading with criticality and its implications for the construction of the critical subject. For Freire (1981), the process of critical reading refers to the act of the reader firstly be able to associate reading with his/her reality. For Vygotsky (1998, 1988, 1996), reading can be understood as an act of reconstruction of the production processes. Piaget and highlighted the relationship between subject and object in the construction of knowledge and intelligence, and that the subject must have an interest in knowing the object, to appropriate knowledge.

Keywords: Reading. Criticality. Behavior.

REFERÊNCIAS

ANDERLE, Saete Teresinha dos Santos. **Teste de Análise de Leitura e Escrita Tradução, Adaptação e Validação**. 2005. 210 p. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia)—Programa de Pós-Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 15 maio 2014.

DORON, Ronald; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. Tradução Odilon S. Leme. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se contemplam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

HUSSEIN, Lúcia Carmen. Leitura Crítica: uma revisão de conceito. **Revista Psicologia Educacional e Escolar**, Rio de Janeiro, jul./set. 1987.

LURIA, Alexandre Romanovich. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

NAVEGA, Sérgio. **Pensamento crítico e argumentação sólida**: vença a suas batalhas pela força das palavras. São Paulo: Publicações Inlelliwise, 2005.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. 12 ed. São Paulo: Bertrand, 1993.

PIAGET, Jean. **Fazer e Compreender**. Tradução Cristina L. de P. Leite. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1978.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

